Nos Bastidores da Recaída: Uma Vivência Psicodramática

Geison Antunes João [1]
Psicólogo, psicodramátista Didata em formação

RESUMO

RESUMO

Esta proposta apresenta uma vivência psicodramática voltada à exploração simbólica das dinâmicas emocionais e relacionais que atravessam o processo de recaída em profissionais da psicologia que atuam com sujeitos que fazem uso problemático de substâncias, direcionada a profissionais psicólogos que atuam no atendimento a pessoas nesse contexto. A prática nasce de reflexões clínicas sobre o momento em que o uso deixa de ser escolha e passa a configurar sofrimento, abrindo espaço para a investigação dos bastidores psíquicos e relacionais que compõem esse processo. Parte-se da compreensão, ancorada na socionomia de Jacob Levy Moreno, de que o indivíduo se constitui nas relações e nos papéis que desempenha, sendo a recaída compreendida não apenas como um evento comportamental, mas como expressão de conflitos intrapsíquicos e sociorelacionais.

A recaída é aqui concebida como um processo complexo e multifatorial, envolvendo aspectos emocionais, cognitivos e contextuais, frequentemente relacionados à repetição de padrões e dificuldades na regulação afetiva, conforme discutido por autores como Ronaldo Laranjeira e Dartiu Xavier da Silveira. Nessa perspectiva, o retorno ao uso pode ser compreendido como expressão de vulnerabilidades subjetivas e contextuais, e não apenas como falha individual.

O trabalho estrutura-se segundo o método psicodramático, com suas etapas clássicas de aquecimento, dramatização e compartilhamento, conforme sistematizado por Moreno (1975) e desenvolvido no contexto brasileiro por autores como José Fonseca e Rosa Cukier. O aquecimento — que constitui o foco principal desta proposta — é conduzido por meio de uma vivência de visualização interna intitulada “As roupas que vesti”. Essa técnica convida os participantes à interiorização e à criação de imagens simbólicas que representam o uso de substâncias como uma “roupa” que inicialmente confere prazer e aceitação, mas que, gradualmente, passa a aprisionar e restringir a espontaneidade do eu.

A vivência busca abrir o campo interno do grupo, preparando o terreno para a dramatização posterior. Ao seguir as instruções do diretor, cada participante é estimulado a visualizar cenas internas relacionadas à própria experiência de perda de controle e às emoções associadas à recaída, permitindo o contato com aspectos pessoais e profissionais que emergem nessas situações.

Na sequência, propõe-se o desenvolvimento de cenas sociodramáticas, em que grupos representam as diferentes fases da recaída — da negação à retomada de consciência — ampliando o olhar sobre os papéis implicados tanto no sujeito quanto nos profissionais que o acompanham. O sociodrama é aqui compreendido como dispositivo de intervenção grupal que permite a investigação das relações sociais e dos papéis compartilhados, conforme desenvolvido por autores brasileiros como Moysés Aguiar e Maria Alicia Romaña.

[1] Titulação, instituição e e-mail.

A utilização da técnica de inversão de papéis, amplamente discutida por Dalmiro Bustos e aprofundada no Brasil por autores como Perazzo, favorece a ampliação da percepção do sujeito sobre si e sobre o outro, promovendo empatia e reorganização das relações.
O foco recai sobre a identificação e a ressignificação das conservas culturais e das chamadas cenas temidas, promovendo a ampliação do repertório espontâneo e criativo diante do sofrimento humano.
Como expectativa de resultado, a proposta pretende favorecer a conscientização dos papéis profissionais e a flexibilização de posturas cristalizadas, estimulando uma escuta mais empática e uma presença mais autêntica na relação terapêutica. Ao iluminar os bastidores da recaída, o psicodrama se reafirma como um espaço privilegiado de encontro, transformação e reinvenção de si e do outro

Palavras-chave: Psicodrama. Recaída. Conservas culturais. Ressignificação de papéis. Uso de substancia.